

## INTELIGÊNCIA EMOCIONAL E EMPREENDEDORISMO FEMININO: Contribuições para o enfrentamento dos desafios da mulher empreendedora

Gabriela Alves Pereira<sup>1</sup>  
Diego Saimon de Souza Abrantes<sup>2</sup>

### RESUMO

O empreendedorismo é um processo que proporciona mudanças de paradigmas e geração de renda para mulheres. A Inteligência Emocional (IE) é o estudo sobre o quociente emocional (QE) e teve seu início em 1990 por John Mayer e Peter Salovey, universalizando-se a partir de obras de Goleman. Vinculou-se ambos conceitos para se descobrir como o uso da IE contribui para o protagonismo de mulheres empreendedoras. Para tanto, foi necessária a análise de como ocorre essa contribuição e o seu desenvolvimento em mulheres, discorrendo sobre o empreendedorismo feminino, apresentando o conceito de inteligência emocional e relacionando essa inteligência com o empreendedorismo feminino através de uma pesquisa explicativa com análise bibliográfica e documental, por meio de documentos físicos e digitais nos idiomas inglês, português e espanhol. Os documentos digitais foram acessados nas plataformas Scielo, portal CAPES e Google Acadêmico. O resultado foi a verificação de que a IE auxilia no desenvolvimento de mulheres proporcionando maior autoconsciência, autocontrole, empatia, motivação e capacidade de relacionamento interpessoal para lidar com as dificuldades da trajetória empreendedora, como conflito no gerenciamento do trabalho e da família, preconceitos sociais, obstáculos para a aquisição de aporte financeiro e ausência de um efetivo gerenciamento de tempo para os seus afazeres.

**Palavras-Chave:** empreendedorismo; mulher; inteligência emocional; feminino.

### ABSTRACT

Entrepreneurship is an innovative process. It provides paradigm shifts and income generation in the female scope. There is the increasing participation of women in the market in an active way. Emotional Intelligence (EI) is the study on the emotional quotient (EQ) having its beginning in 1990 by John Mayer and Peter Salovey and universalizing itself from the works of Daniel Goleman. There was a link between the two concepts to discover how the use of emotional intelligence contributes to the protagonism of women entrepreneurs. And for that, it was necessary to analyze how this contribution and its development in women occurs, discussing female entrepreneurship, presenting the concept of emotional intelligence and relating emotional intelligence to female entrepreneurship, through explanatory research with the analysis bibliographic and documentary in physical and digital documents in the English, Portuguese and Spanish languages. The digital ones were searched through the platforms Scielo, CAPES portal and Academic Google. The result was the verification that EI assists in the development of women by providing greater self-awareness, self-control, empathy, motivation and interpersonal relationship capacity to deal with the difficulties of the entrepreneurial trajectory such as conflict in managing work and family, social prejudices, obstacles to acquisition of financial support and lack of effective time management for their tasks.

**Key-words:** entrepreneurship; woman; emotional intelligence; feminine.

---

<sup>1</sup> Tecnóloga em Secretariado, pereirasecr@gmail.com

<sup>2</sup> Psicólogo e administrador, Universidade Estadual de Maringá, diego\_saimon@hotmail.com

## 1 INTRODUÇÃO

O empreendedorismo chama atenção da sociedade por ser um processo inovador, que gera riqueza e aquece a economia, além de transformar a realidade de quem empreende, de quem trabalha nesses negócios e de um estado ou país. No âmbito feminino, há crescente participação da mulher no mercado de maneira ativa por meio do seu protagonismo, liderando, tomando decisões e criando um novo caminho para as futuras gerações. As mulheres possuem diversos motivos para buscar o empreendedorismo como, por exemplo, realização do sonho do próprio negócio, maior flexibilidade de horários, qualidade de vida e independência financeira. Porém, elas enfrentam dificuldades que podem ser limitantes para suas carreiras.

A Inteligência emocional (IE) principia na década de 1990 pelos psicólogos estadunidenses John Mayer e Peter Salovey. Após isso, universaliza-se em 1995 com a publicação do livro intitulado *Inteligência Emocional*, de Daniel Goleman, que foi incrementado em 1997 pelo psicólogo israelense Reuven Bar-On. Esse livro conceitua a IE como um mecanismo para a resolução de problemas, a motivação e o desenvolvimento de bem-estar para conter os impulsos que podem ocasionar um descontrole emocional prejudicial à vida em sociedade, afastando as oportunidades de crescimento (Goleman, 2011). As dificuldades do empreendedorismo requerem uma solução para os entraves femininos capazes de transformar a vida das empreendedoras. Por isso, o presente trabalho buscou relacionar a IE com o empreendedorismo feminino, tendo como objetivo a análise de que maneira a inteligência emocional contribui para o desenvolvimento do empreendedorismo em mulheres, discorrendo sobre o empreendedorismo feminino, apresentando o conceito de inteligência emocional e relacionando esses conceitos. Para tanto foi realizada pesquisa do tipo explicativa, delineando-se em análise bibliográfica e documental com o uso de livros, artigos científicos, anais de eventos e plataformas digitais, além de fases de leitura, conforme as orientações de Gil (2017).

Analisou-se que a IE contribui para a desenvoltura de mulheres empreendedoras uma vez que proporciona o autoconhecimento para entender suas emoções, o autocontrole para lidar com elas, a empatia para entender as do outro sem se prejudicar, a motivação necessária para alcançar os objetivos e a habilidade de relacionamento interpessoal de modo a contornar as situações a seu favor.

## 2 EMPREENDEDORISMO FEMININO

O empreendedorismo é um processo e uma habilidade que desperta o interesse por ser dinâmico e inovador. Também é uma capacidade que pode ser desenvolvida por pessoas ao redor do mundo e, assim, transformar realidades. Ele estimula o desenvolvimento de uma região, sendo responsável pela criação de novos empreendimentos, pela geração de empregos, pela

captação de tributos e pelo aumento do fluxo comercial (Rosa; Orellana; Menezes, 2020). De acordo com o Sebrae (2019), o empreendedorismo pode ser conceituado como a habilidade de inovar ou se reinventar produzindo novas ideias por meio da mistura de criatividade e imaginação, sendo o empreendedor alguém que busca a autorrealização, assumindo responsabilidades e objetivando a independência.

Com isso, o perfil de empreendedor buscado pela sociedade é de uma pessoa sociável, inovadora, que aproveita as oportunidades, com visão ampla, assumindo riscos e desafios, com atenção às mudanças, com ousadia e autonomia para transformar a realidade por meio do desenvolvimento do mercado (Barbosa; Durante, 2013). Em adição a isso, trabalhos empíricos sugerem que, nas economias desenvolvidas, as características pessoais como o nível de escolaridade, o capital humano, a idade, além de aspectos específicos de personalidade e de sua região influenciam um indivíduo a se tornar um empreendedor (Rosa; Orellana; Menezes, 2020). Desse modo, o indivíduo com perfil empreendedor dispõe de características positivas para o crescimento e, em conjunto a isso, os atributos pessoais e um círculo social favorável podem ampliar as suas chances.

Apesar do empreendedorismo ser desenvolvido por homens e mulheres, aqui a ênfase foi dada ao empreendedorismo feminino. A respeito do tema, Santos *et. al.* (2020) afirma que a presença feminina à frente do seu próprio negócio gera impactos sociais, econômicos, políticos e culturais que são percebidos no decorrer dos anos pela sociedade. Essa atividade é acontecimento verificado em escala mundial já que, de acordo com a Organização Internacional do Trabalho (OIT), na Europa a porcentagem de mulheres empreendendo é de 15% e nos Estados Unidos é de 10,5% (Rosa; Orellana; Menezes, 2020). Ademais, compreende-se que no Brasil a tendência é de crescimento a cada ano. Segundo pesquisa do *Global Entrepreneurship Monitor* (GEM) realizada em 2018, as mulheres ultrapassaram os homens, com 24 milhões de empreendedoras, sendo a maioria dos jovens que empreendem (SEBRAE, 2018). Ou seja, a sociedade pode verificar a crescente participação feminina no mercado de maneira ativa, observando seu protagonismo no mundo dos negócios, liderando, tomando decisões e criando um novo caminho para as futuras gerações de mulheres.

No terceiro trimestre de 2020, da totalidade de 25,6 milhões de proprietários de empreendimentos, 8,6 milhões eram mulheres com maior grau de escolaridade quando comparadas aos homens no setor de serviços, o que representa estatisticamente 33,6% do total. Além disso, quase 50% delas exercem o papel de chefes de domicílios, ganhando menos e representando 48% dos microempreendedores individuais (MEI) com sede em sua própria residência (SEBRAE, 2022). De acordo com esses dados, entende-se que a empreendedora brasileira

possui um arcabouço teórico maior que os homens, porém, mesmo com essa vantagem, ainda recebem valores inferiores. Em adição a isso, são um número expressivo de MEIs, chefes de seus lares e, talvez pela necessidade de cuidar do lar e empreender, trabalham em sua própria casa.

### 3 INTELIGÊNCIA EMOCIONAL

O modelo de IE e estudo sobre o quociente emocional (QE) teve seu início na década de 1990 pelos psicólogos estadunidenses John Mayer e Peter Salovey, universalizando-se em 1995 com a publicação do livro intitulado *Inteligência Emocional*, de Daniel Goleman, e incrementado em 1997 pelo psicólogo israelense Reuven Bar-On. John Mayer e Peter Salovey começam esse estudo por meio de publicações de artigos em um periódico científico internacional de Psicologia, com o objetivo de estudar empiricamente a habilidade de conteúdos afetivos, considerando a IE como uma derivação do conceito de inteligência social, das inteligências múltiplas de Howard Gardner e baseado no modelo psicométrico de inteligência (Bueno; Primi, 2003; Woyciekoski; Hutz, 2009).

Em 1993, após críticas que consideravam o conceito dos psicólogos como uma metáfora com nenhuma inovação para o campo emocional, sendo apenas uma releitura da Inteligência Social (IS), eles então definiram a IE como a habilidade de processar informações afetuosas, distintas das definições da IS, contendo mecanismos para a investigação da IE, buscando a relação da emoção com a inteligência. Para eles, a IE é a capacidade cognitiva em usar as emoções para auxiliar na resolução de problemas (Bueno; Primi, 2003). Seu modelo era baseado no tradicionalismo do quociente de inteligência (QI) e cientificamente aceito por ser aplicável na sociedade, sendo assim considerado um perfeito padrão de pesquisa (Goleman, 2011). Ele podia ser compreendido como um processo que iniciava na habilidade de controlar as próprias emoções e as dos outros, passando a entendê-las e conduzindo-as para pensamentos e ações positivas (Woyciekoski; Hutz, 2009). Posteriormente, em 1997, os psicólogos John Mayer e Peter Salovey fizeram uma revisão do modelo, ampliando o entendimento sobre o controle das emoções, mas não incluindo o pensamento acerca dos sentimentos. A IE compreendia inicialmente um conjunto de quatro níveis do processo de informações emocionais, descritos no Quadro 1 a seguir:

**Quadro 1 – Os quatro níveis do processo de informações emocionais**

Níveis	Descrição
<b>Percepção, avaliação e expressão da emoção</b>	Capacidade de perceber as próprias emoções e as do outro; compreensão em objetos e/ou em condições físicas e avaliação da fidedignidade das mesmas para a compreensão de manipulação, de verdade ou de mentiras.
<b>A emoção como facilitadora do pensamento</b>	Capacidade de focar o pensamento e a atenção em informações, sejam elas intrínsecas ou expressas, com o intuito de gerar sentimentos em si mesmo e controlar as emoções antes de tomar uma decisão.
<b>Compreensão e análise de emoções e emprego do conhecimento emocional</b>	Habilidade de compreender as emoções, sejam elas positivas ou negativas, e as suas respectivas gradações.
<b>Controle reflexivo de emoções para promover o crescimento emocional e intelectual</b>	Controle das suas emoções, compreendendo-as e valorando-as de acordo com a sua importância para utilizá-las no momento apropriado.

Fonte: Adaptado de Bueno e Primi (2003).

O conceito daqueles psicólogos é mais utilizado no meio acadêmico por ser definido como um modelo de competências, diferente dos conceitos de Goleman e Bar-On, considerados do tipo misto. No entanto, apesar de suas diferenças, eles podem se complementar (Rego; Fernandes, 2005). O modelo do psicólogo e jornalista Daniel Goleman, que revolucionou o conceito sobre IE após a publicação de seu livro em 1995 com a mesma nomenclatura, sendo assim reconhecido mundialmente como “pai da inteligência emocional”, é atualmente o mais utilizado e implementado em programas escolares ao redor do mundo, porém, não é o que ocorre no Brasil. O autor conceitua a habilidade como sendo a capacidade de ser empático e autoconfiante, motivando-se apesar das adversidades, controlando os impulsos para manter-se são, assim, impedindo

que a ansiedade atrapalhe o raciocínio (Goleman, 2011). Para Goleman (2011), a IE é a habilidade de identificar os próprios sentimentos e os alheios, sendo capaz de motivar-se, gerindo as emoções internas e as do meio (Nunes-Valente; Monteiro, 2016). Em adição a isso, o autor foca na liderança organizacional, utilizando o quociente emocional nas suas pesquisas para entender a diferença entre pessoas competentes emocionalmente e as demais (Goleman, 2011). Já o modelo de Reuven Bar-On, de 1997, conhecido como misto, acredita na existência de aptidões mentais e de personalidade (Queroz; Neri, 2005). Esse modelo focou no bem-estar e foi dividido em cinco áreas, contemplando as aptidões intrapessoais, interpessoais, de adaptabilidade, de gerenciamento do estresse e de humor,

influenciando diversos trabalhos acadêmicos e servindo de arcabouço teórico para a área.

Os três modelos agregam valor ao conceito de IE, já que para Goleman (2011), cada modelo do quociente emocional apresenta uma perspectiva distinta com diversas variações, ampliando o campo da IE e, apesar de distintos, encontram um ponto de equilíbrio ao apresentarem a IE como um mecanismo para a resolução de problemas, para a motivação e para o desenvolvimento de bem-estar de modo a conter os impulsos que podem ocasionar um descontrole emocional prejudicial à vida em sociedade, afastando as oportunidades de crescimento.

Para Bueno e Primi (2003), a busca das empresas por indivíduos emocionalmente inteligentes pode estar relacionada à percepção de que, ao possuir essa habilidade, as pessoas são capazes de gerenciar suas emoções, de ser mais bem-sucedidas e com maior qualidade de vida. Para Rego e Fernandes (2005), a IE beneficia a vida de líderes ao torná-los mais eficazes no alcance de objetivos do grupo ou da organização, possibilitando a combinação de diferentes competências emocionais para ser criativo no processo decisório com resolução de conflitos de forma construtiva. Por trazer benefícios para o indivíduo e, conseqüentemente, para o ambiente em que ele está inserido, é coerente a procura do mercado de trabalho por pessoas que possuem as habilidades da IE, visando ganhos de produtividade que refletem no financeiro das organizações, empresas e demais instituições do mercado.

#### 4 METODOLOGIA

A pesquisa aqui realizada é do tipo explicativa, pois, segundo Gil (2017), as pesquisas com essa classificação buscam apontar os fatores que auxiliam para a ocorrência de determinados fenômenos, aprofundando-se o suficiente para chegar o mais próximo da realidade para explicar o porquê desses acontecimentos, visando um esclarecimento. Para delinear este estudo foi necessária a utilização de duas metodologias, sendo elas: pesquisas bibliográfica e documental. A primeira, lida com conteúdo já existente, a qual, de acordo com Gil (2017), engloba materiais do tipo físico impresso, trabalhos acadêmicos como teses, dissertações, anais de eventos científicos, obras

jornalísticas, revistas e livros. Já a segunda, sustenta-se, segundo o mesmo autor, em documentos de diferentes tipos, sejam eles físicos ou eletrônicos, de formatos e finalidades diversas como documentos institucionais, folders, documentos jurídicos, registros estatísticos e afins para dar mais possibilidades de descobertas e fundamentações em variados documentos que se correlacionaram com o objetivo desta pesquisa.

Para demarcar este estudo, na pesquisa bibliográfica foram utilizados livros, artigos científicos e anais de eventos que estiveram associados com, ao menos, um dos indicadores da pesquisa, que são: inteligência emocional, empreendedorismo, empreendedorismo feminino, coeficiente emocional, empresas, trabalho e habilidades sociais. Para os artigos científicos, a busca foi feita nas plataformas Scielo (<https://search.scielo.org>), portal CAPES ([www.periodicos.capes.gov.br](http://www.periodicos.capes.gov.br)) e Google Acadêmico (<https://scholar.google.com.br>). A pesquisa documental usou documentos oficiais publicados por instituições científicas, empresas de pesquisas ou órgãos governamentais. Buscando explorar ao máximo os objetos de estudo, não foram estabelecidos parâmetros temporais de publicações para trabalhos, obras e documentos nem metas quantitativas para o acervo, visto que se trata de uma temática relativamente nova e com poucas publicações que a abordam. A pesquisa abrangeu os idiomas inglês, português e espanhol.

A coleta dos dados deu-se por meio dos arranjos estabelecidos nos critérios de inclusão e exclusão. Com o uso dos indicadores apresentados, os materiais selecionados e lidos tiveram suas informações organizadas por meio de fichas bibliográficas, que identificaram quais obras foram utilizadas. Além disso, fichas de resumo foram utilizadas para registrar parágrafos de obras, comentários e anotações das ideias que surgiram, juntamente ao uso de fichas de citação, que reuniram citações que se destacaram nas fontes lidas. Todo esse procedimento está de acordo com Gil (2017). Essas tarefas foram feitas de forma digital, com o uso dos *softwares Excel 2019* e *Word 2019*. A redação dos achados científicos atendeu à finalidade de asserção da hipótese. Todo percurso da pesquisa está exposto no Quadro 2, que demonstra as etapas que foram percorridas, conforme Gil (2017).

**Quadro 2 – Coleta, análise e interpretação de dados**

	Fases	Descrição das fases
1°	<b>Leitura exploratória</b>	Houve a consulta em resumo de artigos, capas, contracapas e sumário de livros.
2°	<b>Leitura seletiva</b>	Verificaram-se as partes pontuais das obras por meio dos parágrafos iniciais da introdução e, quando necessário, da conclusão, no caso de artigos. Para livros, isso se deu por meio do início dos capítulos.
3°	<b>Leitura analítica</b>	Ocorreu a identificação das ideias principais do texto pela leitura mais ampla para a solução do problema da pesquisa.
4°	<b>Leitura interpretativa</b>	Realizou-se a interpretação da ideia do autor, alcançando a solução do problema pelo uso dos dados da leitura analítica e pela associação a materiais e a conhecimentos externos.

Fonte: Elaborada pelo autor com base em Gil (2017).

Ao todo foram analisadas 71 bibliografias, sendo 21 referentes ao objeto de estudo IE e 50 referentes ao empreendedorismo feminino. Com todos os dados obtidos por meio da metodologia empregada, foi possível seguir os critérios estipulados, assim como a realização do tratamento e da análise dos dados de forma qualitativa, percorrendo as fases propostas baseadas em Gil (2017) e, à vista disso, houve a conclusão do resultado proposto e a confirmação da hipótese do estudo.

## 5 RESULTADOS

### 5.1 CARACTERÍSTICAS DA INTELIGÊNCIA EMOCIONAL

As características da IE, a partir do conceito do psicólogo e jornalista Daniel Goleman, são evidenciadas pelo fato de ele ser o mais utilizado no ambiente corporativo, pois consegue relacionar a capacidade cognitiva com os aspectos da personalidade e da motivação. Em seu livro *Trabalhando com a Inteligência emocional*, Goleman (1999) informa a respeito de alguns equívocos sobre a IE que percebeu no decorrer dos anos. Primeiramente, ser um indivíduo hábil com as suas emoções não significa ser simpático o tempo todo. Além disso, não quer dizer que você pode se posicionar agir de qualquer maneira. Ao contrário, precisa administrar seus sentimentos e liberá-los de forma adequada. Da mesma forma, as mulheres não são mais inteligentes que os homens, ambos possuem habilidades, porém, elas se apresentam de maneira distinta. E, por último, a nossa IE não é definida geneticamente e também não se desenvolve apenas na infância. Ela pode ser aprendida e evoluída com o passar dos anos, possibilitando uma maturidade emocional (Goleman, 1999).

Além dos enganos apresentados anteriormente, o autor esclarece ser errônea a ideia de que o QE é responsável por 80%

do sucesso e o QI por apenas 20%, pois há outros fatores que influenciam no êxito, como a condição financeira, a educação, a sorte, a família em que nascemos, o temperamento. De modo semelhante, declara que o quociente emocional não se sobrepõe ao quociente intelectual, visto que a IE prevalece nas áreas em que o intelecto é menos relevante como a autoconsciência, o autocontrole, o gerenciamento das relações (Goleman, 2011). A partir de Goleman (2011) houve a inclusão de aspectos da personalidade, por isso, pessoas com habilidades emocionais conseguem reunir a emoção com a cognição para desenvolver a criatividade e o processamento de informações de forma conjunta. (Woyciekoski; Hutz, 2009). Para ele, uma pessoa que possui as cinco características em evidência pode ser considerada com IE, assim como o emocional de um indivíduo pode variar nas características em maior ou menor grau, ou até não existir em alguns (Abrantes, 2022).

Ao apresentar equívocos mantidos no decorrer dos anos, ao relacionar a racionalidade com a emoção para a preservação do autocontrole e promovendo a inclusão de elementos da personalidade, entende-se que a IE traz benefícios para a vida de um indivíduo. Reforçando essa ideia, Casalli *et. al.* (2022) afirma que a IE afeta a evolução tanto no ambiente pessoal, familiar, quanto no profissional e, para exercer todas as suas habilidades, é necessária inteligência cognitiva, versatilidade, metas, equilíbrio das emoções e foco. Tudo isso se justifica pelo fato de não ser um processo simples, pois a existência humana é repleta de decisões diárias guiadas pelas emoções e sentimentos. Reiterando o trecho citado Roque *et. al.* (2006) declara que toda e qualquer decisão de um indivíduo carrega uma considerável carga de emoção, com isso, deve-se raciocinar de forma lógica para canalizar as emoções. No conceito de Goleman (2011), a IE pode ser dividida em cinco características de acordo com o Quadro 3:

**Quadro 3 – As cinco características da IE**

<b>Características</b>	<b>Descrição</b>
<b>Autoconsciência</b>	É a habilidade fundamental para as demais, principalmente para o autocontrole, pois permite que as emoções sejam sentidas e compreendidas na proporcionalidade que devem e no momento em que ocorrem, sem a amplificação ou o esvaziamento do sentir, evitando doenças como a Somatização, que é a ausência da autopercepção dos sentimentos, transformando as dores psicológicas em patologias clínicas.
<b>Autocontrole</b>	É a aptidão necessária para o equilíbrio emocional, a fim de lidar com as emoções sem suprimir sentimentos ou exacerbá-los, mantendo a estabilidade apesar dos altos e baixos, policiando os pensamentos e os impulsos, esquivando-se das emoções negativas como a raiva, estresse, ansiedade, etc.
<b>Automotivação</b>	É a capacidade de se esforçar focalizando em um objetivo, arriscando-se com metas calculadas para atingi-lo, buscando oportunidades para exercer com maestria os seus desejos, independentemente do tempo para alcançá-los.
<b>Empatia</b>	A habilidade para perceber e conviver entendendo os anseios do outro, assim gerando relacionamentos proveitosos com o maior número de pessoas por meio do uso da compreensão de suas necessidades e perspectivas, sem anulações ou atritos.
<b>Gerenciamento das relações</b>	Conecta-se com o autocontrole e a empatia, pois uma pessoa que consegue dominar as suas emoções, entendendo os demais, expressa-se com mais clareza, exercendo com maestria as aptidões sociais, usufruindo dos benefícios dessa habilidade para ter destaque, contornando as situações a seu favor.

Fonte: Adaptado de Goleman (2011) e Pôrto, Tartarotti e Bagattini (2020).

De acordo com Martinez (2018), a autoconsciência é a compreensão acentuada das próprias emoções, fragilidades, forças e necessidades. Dessa forma, o indivíduo com essa habilidade é honesto consigo e com os outros, sabendo equilibrar acontecimentos positivos e negativos para caminhar de forma planejada. Para Casalli *et. al.* (2022), autoconsciência é o destaque dado aos sentimentos, direcionando o nosso emocional quando há a necessidade de decidir sobre algo. Ainda segundo esses autores, essa habilidade está diretamente relacionada com a automotivação. Na sequência tem-se que o sujeito com autocontrole não age por impulso, é racional, eficiente em suas atividades e capaz de criar ambientes confiáveis e equilibrados. Ademais, ser empático pode ocorrer pela percepção com o uso da comunicação não verbal como a leitura do corpo e de expressões faciais. Por fim, as pessoas que sabem gerenciar as relações possuem a habilidade de autoconsciência, visto que, ao se conhecer, se envolvem com os demais com maior facilidade (Martinez, 2018).

Segundo Nunes-Valente e Monteiro (2016) e Bueno e Primi (2003), os indivíduos competentes emocionalmente conseguem manter boa relação consigo e externamente quando comparados com aqueles sem essa habilidade, por isso IE é bastante utilizada para prever o desempenho profissional. Para ser uma pessoa inteligente emocionalmente não é necessário o domínio das cinco habilidades, mas deve-se buscar que as primordiais de acordo com Goleman (2011) e Pôrto, Tartarotti e Bagattini (2020), como a autoconsciência e o autocontrole, estejam em ênfase na vida para poder ter o domínio do seu hoje e prospectar o seu futuro, trabalhando as demais com o intuito do crescimento pessoal.

## 5.2 EMPREENDEDORISMO FEMININO E INTELIGÊNCIA EMOCIONAL

A mulher empreendedora, além das obrigações com o seu negócio, possui diversos papéis sociais. Ela pode ser mãe, esposa, filha, estudante, entre outros papéis e, por essa razão, precisar de algo que a faça gerir as suas responsabilidades e concluir seus objetivos, sejam eles diários ou a longo prazo, com dinamismo, autoconsciência, controle e equilíbrio. Desse modo, uma vida profissional e pessoal com IE pode ser o principal artifício que essa mulher necessita para o seu bem-estar. Por essa razão, neste tópico traz-se a relação das dificuldades das empreendedoras com as habilidades da IE, entendendo como essa mulher pode superar as adversidades por meio dessa união e assim estar no presente e planejar o seu futuro, já que ela precisa lidar com problemas sociais e financeiros que estão além de seu controle e geram desgaste psicológico.

Para identificar as dificuldades recorrentes que abordam a temática do empreendedorismo feminino, analisaram-se 50 bibliografias entre artigos científicos, livros, documentos institucionais e pesquisas estatísticas datados do ano de 2003 até o ano de 2022, as quais estão elencadas na Tabela 1, em ordem crescente, com as suas respectivas descrições, frequência e percentual. Verificou-se que nas bibliografias analisadas houve a apresentação de todas as dificuldades e em outras somente de uma. Além disso, o índice percentual foi apresentado com o intuito de enfatizar que, mesmo com o decorrer dos anos, as mulheres ainda enfrentam quatro ordinários obstáculos que podem ser superados através das habilidades da IE.

**Tabela 1** – Dificuldades durante a jornada empreendedora feminina

Ordem	Dificuldades	f	%
1º	Gerenciamento do trabalho e da família	45 obras	90%
2º	Estigmas sociais por ser mulher	33 obras	66%
3º	Obstáculos para a captação de recursos financeiros	28 obras	56%
4º	Gerenciamento do tempo e a realização de seus afazeres	22 obras	44%

Fonte: dados da pesquisa, 2023.

O gerenciamento do trabalho e da família é a maior dificuldade feminina citada pelos pesquisadores com 90% de ocorrência (frequência (f) = 45 obras). Esse fato se deve por ele separar vínculos importantes na vida das empreendedoras, as quais se veem incapazes de equilibrar a sua vida familiar e o seu empreendimento, uma vez que, conforme Brancalione e Werlang (2015), Fenelon (2020) e Gotardo e Corcetti (2014), abrange a atividade que, no âmbito social, é tradicionalmente desempenhada pelas mulheres. Em seguida, o estigma social por ser mulher sobrevém em 66% do material (f = 33 obras), porquanto, ainda que avanços tenham ocorrido para o equilíbrio de gênero, as marcas históricas da submissão feminina ainda são perceptíveis, ocasionando dificuldade para o gerenciamento de suas relações sociais, além dos preconceitos por serem jovens, adentrarem em empreendimentos tradicionalmente masculinos e

desempenharem o papel de gestoras. De acordo com Assunção (2018), Carvalho (2018), Jonathan (2003; 2011), Jonathan e Silva (2007), Oliveira, Gonçalves e Silva (2019), Rodrigues *et. al.* (2021) e Vale, Serafim e Teodósio (2011), o preconceito advindo da sociedade patriarcal considera, equivocadamente, que as mulheres devem ser lideradas ou permanecer somente cuidando da família e dos filhos, não exercendo o papel de líderes.

O obstáculo para a captação de recursos financeiros aparece na terceira posição do quadro, com taxa de 56% de presença nos estudos (f = 28 obras). Sobre o assunto, Barbosa *et. al.* (2011), Lages (2005) e Silva *et. al.* (2021) afirmam que as mulheres ainda possuem postura conservadora, tanto ao buscar um crédito bancário, quanto ao realizar um investimento, por temer a ocorrência de riscos. Já o gerenciamento do tempo e a realização de seus afazeres apresenta-se com a menor

recorrência, estando em 44% das pesquisas (f = 22 obras). Apesar disso, esse tema possui tanta significância quanto os citados anteriormente, dado que ele se relaciona com o conflito trabalho e família. No entanto, não houve a ligação desses percalços nem menção dessa dificuldade com tanta intensidade nas pesquisas que enfatizavam a problemática do gerenciamento do trabalho e família. Essa problemática vai para além do âmbito familiar, pois também ocorre no ambiente profissional, uma vez que, para Gomes *et. al.* (2014), Kalaki (2021), Santos e Oderich (2021) e Souza (2020), a mulher sofre diariamente para administrar o seu tempo e conciliar trabalho, família e relacionamento.

Em acréscimo a isso, há necessidade de recorrer às habilidades da IE para a mudança de perspectivas e de solução para os anseios femininos. Para alcançar essas soluções deve-se utilizar o cognitivo e priorizar um emocional com a IE, já que, de acordo com Yuste (2021), ela auxilia a lidar com os problemas interpessoais e intrapessoais e, para Gonzaga e Monteiro (2011), ela proporciona os mecanismos necessários para o processo de entendimento cognitivo e emocional sobre si e sobre a sociedade. Desse modo, serão listadas no presente trabalho as habilidades da IE para a percepção de como elas são eficientes para lidar com as dificuldades das mulheres empreendedoras.

A divisão das habilidades da IE fez-se necessária para a percepção, de forma clara, de como cada uma funciona, visto que a aplicação delas ocorre de forma conexas. Reforçando esse aspecto, Martinez (2018) diz que a IE é o grupo de habilidades mentais que possui como intuito a administração dos sentimentos. Dessa forma, uma pessoa pode simultaneamente utilizar da sua empatia e do seu autocontrole para lidar com uma situação, assim como de sua autoconsciência, sua automotivação e seu gerenciamento das emoções em outro cenário. De modo semelhante, pode lançar mão de todas as habilidades da IE.

De modo a utilizar efetivamente as habilidades da IE, é necessário possuir capacidade emocional, já que, para Goleman (1999), a incapacidade emocional faz com que pessoas com cognitivos brilhantes sejam taxadas como medíocres e sujeitos com potenciais habilidades emocionais não consigam a eficiente aplicação delas em suas vidas. O autor ainda declara que a capacidade emocional é a combinação dos pensamentos com os sentimentos baseada na IE, propiciando um maior desempenho e provocando um maior destaque no ambiente de trabalho. Compreende-se também que, por sua magnitude, pode ir para além do ambiente privado. Essa capacidade se utiliza de maior escala da empatia para compreender os desejos do próximo e do gerenciamento das relações para se envolver nas situações, entendendo-as e contornando-as favoravelmente.

*Autoconsciência:* A primeira habilidade a ser abordada aqui é a autoconsciência. Considerada basilar para as demais em virtude de proporcionar olhar intrínseco para os seus próprios sentimentos, propicia a análise e o diálogo exterior às empreendedoras, de forma valorosa e apropriada. Para Goleman (1999), a autoconsciência possui três capacidades, quais sejam: a identificação das emoções próprias para orientar a tomada de decisão; a autoanálise dos pontos fortes e fracos a fim de entender em que há necessidade de melhora, assim como de aprendizado, e; a autoconfiança, que é o reconhecimento dos próprios valores e capacidades. A pessoa autoconsciente é honesta com seus

sentimentos, reconhece as suas limitações, sabe pedir ajuda e está aberta para conversar sobre as suas angústias e fraquezas.

Já o indivíduo que não possui autoconsciência não é capaz de perceber as suas forças, não é autoconfiante e, seguindo esse raciocínio, não reconhece as suas fraquezas, resultando no cometimento de erros contínuos. De acordo com Goleman (2011), a pessoa com desarmonia emocional pode sofrer sem ao menos perceber, pois não é autoconsciente. Com isso, surgem dores de cabeça, exaustão mental ou estresse, que são alguns dos sinais que o corpo humano dá para informar que precisa de atenção. De modo semelhante à somatização, o descompasso gera sentimentos que muitos tentam reprimir, como a vergonha, o medo, a culpa, o remorso e outras sensações negativas.

Como as demais habilidades da IE, a autoconsciência aumenta com as boas experiências acumuladas. Porém, com uma vida em ritmo acelerado, grande fluxo de informações e escassez de tempo, não há na agenda de compromissos disponibilidade para a autorreflexão e, por conta disso, segundo Goleman (1999), a voz interior de suma importância é silenciada, acarretando decisões impulsivas, que podem ser desagradáveis em curto ou longo prazo, para si e para quem esteja ao seu redor.

Em adição, Ribeiro *et. al.* (2010) esclarecem que uma pessoa autoconsciente consegue superar as suas fragilidades com o devido tempo e esforço, ao salientarem que para se tornar autoconsciente é necessário percorrer uma jornada longa e trabalhosa. Ademais, de acordo com Acosta-Prado, Torres e Torres (2015), a autoconsciência concede às pessoas a percepção dos sentimentos mais profundos e a conscientização sobre eles de maneira mais rápida que os demais, externando-os de forma natural. Diante disso, entende-se que ser autoconsciente não é uma tarefa fácil, por isso a necessidade de tempo e dedicação. No entanto, a recompensa é valiosa, já que ela acarreta o desprendimento de crenças limitantes, tanto pessoais quanto sociais, no percurso empreendedor.

Em conjunto com a autoconsciência, possuir motivação é favorável para desfrutar de um bom humor, bem como para enfrentar a vida com seriedade, pois, segundo Goleman (2012), o bom humor e a seriedade proporcionam flexibilidade mental, aumento da criatividade, tomada de decisões solucionadoras de problemas e atenção aos mínimos detalhes. Para ser uma empreendedora com essa habilidade, é necessária uma reprogramação do sentir, por meio de tempo para a autorreflexão, pois só assim será possível a solução de seus problemas externos.

Para Abrahão (2018), Alperstedt, Ferreira e Serafim (2014), Bianconi *et. al.* (2020), Maia (2022), Rocha *et. al.* (2014) e Teixeira e Bonfim (2016), as múltiplas tarefas desempenhadas pelas mulheres, quando não equilibradas, provocam conflitos e desgastes. Nessa direção, Rosa, Orellana e Menezes (2020) afirmam que as mulheres experimentam o problema de controle do seu tempo para atingir seus objetivos e conciliar o trabalho com a família, gerando, assim, a queda da sua autopercepção e da sua autoestima.

O gerenciamento do trabalho e da família é alcançado com o uso dessa habilidade assim que a mulher entende que a sua realidade desgastante pode afetar, em algum momento, o trabalho ou a família. Por isso a necessidade de haver a percepção desse fato (Alves *et. al.*, 2016; Barbosa *et. al.*, 2021; Jonathan;

Silva, 2007; Silva; Lasso; Mainardes, 2016; Teixeira; Faria, 2018). Havendo um bom gerenciamento de tempo para uma rotina organizada, além de ser possível a realização de afazeres e a conclusão de demandas, também se oportuniza a prática de atividades que proporcionam bem-estar e maior qualidade de vida às mulheres, reduzindo seus níveis de estresse e aumentando sua autoestima.

Por outro lado, os estigmas sociais podem ser vencidos a partir da compreensão de que, infelizmente, a sociedade ainda possui marcas do patriarcado. Dessa forma, somente no momento em que a empreendedora conhecer os seus valores, lidar com as suas fraquezas e ser autoconfiante, a percepção externa não afetará o emocional nem prejudicará o seu desenvolvimento. Reforçando isso, Robbins (1993) salienta que, diversas vezes, a pessoa fica à mercê da realidade, esquecendo que pode adotar uma postura em que assuma o controle das próprias emoções, evitando a entrega à percepção externa. Ser uma mulher autoconfiante proporciona a quebra de barreiras para captação de recursos financeiros, uma vez que, para Robbins (1993), a união da percepção de merecimento de um bem-estar financeiro e um bom plano para a sua conquista são as munições ideais para a captação de recursos.

Em complemento, Goleman (2015) diz que a autoconfiança permite correr riscos calculados, diminuindo a ocorrência de fracasso, além de possibilitar à mulher que ela exiba e defenda suas ideias mesmo tendo momentos tensos ou de discordância do outro, o que normalmente ocorre no trajeto para a concessão de crédito para investimentos nas empresas.

*Autocontrole:* O autocontrole, assim como a autoconsciência, é essencial para as empreendedoras, visto que essa habilidade permite o controle eficiente das emoções e, de acordo com Goleman (1999), proporciona a capacidade de gerenciamento dos seus impulsos, das suas emoções aflitivas, além do comportamento otimista e motivador em face das dificuldades e do pensamento lúcido mesmo sob pressão. E, como uma das consequências positivas é o efeito multiplicador, de acordo com Goleman (2015), pessoas que são lideradas por alguém com essa habilidade se espelham nelas. Além disso, ela gera competitividade e indivíduos autoconfiantes conseguem transformar-se com as mudanças boas ou ruins, de forma controlada. Da mesma forma, em gestores, ela aumenta a sua integridade por construir líderes honestos consigo e com a empresa, não a prejudicando, já que não agem por impulso, apesar de, por suas ações ponderadas, serem vistos como frios ou ausentes de emoção.

A ausência do autocontrole acarreta preocupações, ansiedade, raiva, irritabilidade e demais sensações e/ou ações negativas. Por isso, há necessidade de mulheres empreendedoras possuírem essa habilidade para o gerenciamento de suas dificuldades, como é o caso do conflito trabalho e família, pois sem o devido controle e sem uma divisão definida, principalmente nos pequenos empreendimentos, a mulher acabará sofrendo cobranças familiares por não estar sabendo lidar com os dois universos (Amorim; Batista, 2012; Franco, 2014; Martins *et. al.*, 2010; Neto; Siqueira; Binotto, 2011; Vieira; Vieira; Enes, 2022). Sobre esse caso, Goleman (1999) afirma que, para o nosso corpo, não há distinção entre ambientes, podendo haver acúmulo e

mistura de estresse, tanto do ambiente familiar quanto do profissional, de curto prazo com as explosões e comportamentos prejudiciais a si e aos outros, ou de longo prazo, acarretando baixa capacidade de raciocínio claro e eficiente.

Não alcançando concentração para os seus afazeres, devido aos seus pensamentos estarem dominados por emoções prejudiciais que liberam sensações nocivas, não há um efetivo gerenciamento de tempo para suas tarefas. Isso se dá porque, segundo Goleman (2011), a memória funcional, que é responsável pela fala, pela memorização e afins, se esvaece, comprometendo suas tarefas cotidianas. Como outro benefício do autocontrole, há o uso das sensações ansiosas para antes da realização de uma tarefa ou planejamento de um objetivo, o que, para Goleman (2011), permite que o indivíduo seja capaz de planejar, organizando-se antecipadamente com o intuito de triunfar por ter, de forma ansiosa, gerenciado as suas ações. Diante disso, no percurso empreendedor feminino, essa previsão ansiosa beneficia a busca por recursos financeiros já que permite a análise anterior de riscos e de benefícios.

Da mesma forma, o autocontrole possibilita à empreendedora um bom gerenciamento do capital de seu negócio, já que uma pessoa com essa habilidade não é impulsiva na realização de compras, investimentos, nem na busca por capital, sendo capaz de analisar taxas, oscilações do mercado e o momento ideal de buscar o melhor auxílio para a sua empresa. E, de modo semelhante, estar com um bom humor proporciona um raciocínio positivo sobre as circunstâncias e uma análise dos prós e contras (Goleman, 2011; 2012). Com isso, existe a necessidade de a empreendedora recorrer às habilidades do autocontrole para lidar com a sua rotina de forma equilibrada emocionalmente, de modo a repelir transtornos emocionais, ter atitudes que conversem com os seus valores, sem agir por impulso, além de estar otimista e motivada, com ou sem intempéries.

*Automotivação:* A automotivação inserida na realidade da mulher empreendedora a auxilia no alcance de metas curtas ou duradouras quando ela acredita que têm valores e habilidades suficientes para conquistá-las e, igualmente, no tratamento com o outro, ser capaz de motivar o próximo e o inspirar, trazendo benefícios para seu empreendimento. De acordo com Goleman (2015), quando se é um líder motivado, a impulsão para a realização de seus afazeres além das expectativas é maior, pois, agindo dessa forma, há um prazer em realizar tarefas pelas quais são apaixonados, em buscar desafios, em utilizar a criatividade e aprender para a realização de tarefas bem feitas, além de uma energia inabalável para a realização de novos projetos.

Como competências dessa habilidade, Goleman (1999) cita a capacidade em ser uma pessoa guiada para o alcance de padrões e resultados; a assunção de riscos calculados; a busca por informações que corroborem seus pensamentos, assim como os tornem melhores e possam reduzir as incertezas do percurso; além do aprendizado para um contínuo aperfeiçoamento pessoal. De acordo com Robbins e Brazil (1987), quando há mudança da regulação interna de um estado negativo para um positivo ocorre, como consequência, a colheita de resultados efetivos, ou seja, a desenvoltura motivada acarreta consequências positivas para o indivíduo.

Segundo Goleman (1999; 2015), Goleman, Boyatzis e Mckee (2018), o sujeito automotivado consegue a energia necessária para a busca do novo. Dessa maneira, entende-se que empreender com automotivação proporciona à mulher o alcance de resultados para além dos esperados, tanto para objetivos de curto prazo como de longo prazo, que é caso da trajetória necessária para mudança de paradigmas visando a busca da IE para a solução de suas dificuldades. Além disso, cita-se que ela serve de suporte para os momentos em que, por ser mulher, suas competências forem questionadas ou diminuídas. Com essa habilidade, ela se mantém firme diante das situações adversas que encontra apenas por ser mulher, por ter que lidar com os estigmas sociais relacionados a isso. Com isso, estando automotivada, a mulher consegue trabalhar com foco em seus objetivos, realizar planejamentos e ser capaz de cumprí-los.

Ademais, ela é a inspiração para os seus colaboradores, conseguindo apoio por meio do senso de equipe, o que acarreta na diminuição do estresse laboral e das altas cargas de trabalho, além da conquista de flexibilidade para a realização de atividades que proporcionem a ela bem-estar, capacitação e maior tempo para estar com a família. Soma-se a isso uma boa visibilidade para a gestão de seu empreendimento, sendo um atrativo para futuros investidores, fornecedores e clientes.

*Empatia:* Essa habilidade proporciona à mulher qualidade nos seus relacionamentos, independentemente do grau ou da duração, pois tal aptidão se liga com todas as demais competências da IE e uma pessoa que se compreende consegue desfrutar do melhor das situações. Segundo Goleman (2015), empatia é a capacidade de entender o sentimento alheio de forma ponderada, sem tomar as dores para si. Em adição a isso, os líderes empáticos conseguem ser habilidosos com palavras, gestos e jeitos para a transmissão de informações e relacionamento com o outro de forma leve, sem pressão e, como consequência disso, possui membros da equipe mais motivados.

Desse modo, a mulher empática consegue lidar com situações, atos e palavras que a diminuam, pois entende que não possui o controle das emoções dos outros. Ela empodera-se, sendo capaz de argumentar e agir de forma inteligente para com o outro e para com a sociedade, proporcionando a contestação de estereótipos e paradigmas por meio de suas ações. Ao possuir essa habilidade, a pessoa é capaz de estar atenta às suas pistas emocionais e às do outro, sabendo ouvir com sensibilidade, mesmo quando tem opinião contrária, ajudando o próximo com base nas necessidades dele, visto que compreende com clareza o pedido do outro (Goleman, 1999).

A mulher empática é capaz de ouvir com atenção, de modo a contornar as situações em seu favor. Por isso, diante de uma negociação com cliente, fornecedor, sócios ou investidores, obtém a atenção para si, já que, ao ouvir, sabe argumentar, possibilitando o fechamento de bons negócios, trazendo assim, como consequência, o aumento do capital da sua empresa. Além disso, ela consegue solucionar problemas como o dilema do gerenciamento do trabalho e da família, pois é capaz de conversar de modo a alcançar a mudança empregada por Alperstedt, Ferreira e Serafim (2014), que consiste na delegação das demandas da empresa para sócios, empregados ou parceiros, acarretando em bem-estar e realização pessoal. Em adição a isso,

de acordo com Jonathan e Silva (2007), a mulher busca aliviadores de tensões como atividades físicas, terapias, viagens, programas religiosos e outros para mudar a forma como lida com esses impasses.

Essa mulher é capaz de possuir relacionamentos conjugais saudáveis, ao passo que ter um cônjuge aumenta em 7,37% a motivação para empreender (Barbosa *et. al.*, 2021). Ainda sobre esse tema, de acordo com Ferreira e Nogueira (2013), Silveira e De Gouvêa (2008) e Soares (2019), a empreendedora precisa de um(a) parceiro(a) que a valorize e a ajude nas tarefas de cuidado, trazendo como consequência dessa postura empática a redução da sobrecarga, maior flexibilidade de horários, o investimento em aprendizagens sobre as habilidades empreendedoras e controle emocional para lidar com tais questões e mudanças vindouras. Ser uma empreendedora empática oportuniza um bom relacionamento interpessoal, sendo possível se comunicar de forma clara, expressar os seus ideais, ouvir com atenção e alcançar bons resultados financeiros e equilíbrio na sua vida.

*Gerenciamento das relações:* Antes de possuir uma boa relação com o outro, são necessárias habilidades de autopercepção, autocontrole e empatia, pois, de acordo com Robbins (1993), ao se compreender, é possível estabelecer conexões que proporcionem abertura de portas a tudo que for necessário para o crescimento pessoal e para a contribuição para o outro. De acordo com Goleman (1999), o gerenciamento das relações permite o reconhecimento dos méritos alheios, assim como fazer comentários pertinentes e ficar atento às fraquezas e à possibilidade de crescimento do próximo. É de extrema importância que a empreendedora tenha essa capacidade para lidar com os seus sócios, se houver, além de fornecedores, negociadores, funcionários, amigos. É perceptível que, ao saber se relacionar em um evento de negócios, há o aumento de seu *networking* e da possibilidade de novos negócios. Ademais, essa capacidade possibilita, ao conhecer pessoas novas, uma vasta rede de apoio que pode auxiliar nos bons momentos e também nas crises, assim como na manutenção de relações e parcerias de negócios duradouras.

Em acréscimo a isso, Goleman (2011) estabelece que saber lidar com as relações proporciona a capacidade de controlar as emoções do outro. No entanto, para isso, há a necessidade de autocontrole e de empatia para ler as emoções que se apresentam. Diante disso, essa habilidade é vital para a resolução das dificuldades femininas no empreendedorismo como o gerenciamento do trabalho e da família, a quebra dos estigmas e a ampliação do apetite ao risco na hora de acessar o crédito para fomento do seu negócio.

De acordo com Silva *et. al.* (2019), Strobino e Teixeira (2014) e Teixeira *et. al.* (2021), mulheres que dialogam com seus parceiros conseguem maior apoio e melhor convívio, dirimindo conflitos e, como consequência disso, têm um melhor gerenciamento de seu tempo por meio da divisão de papéis. Isso, segundo Robbins (1993), acarreta na mudança com o tempo da percepção desse relacionamento, alterando-o para que deixe de ser um entrave e se torne um parceiro visando a realização de afazeres, pois segundo o autor, tudo parte de como se enxergam as situações.

O domínio das relações melhora a captação de recursos, pois torna possível um diálogo convincente com instituições bancárias e com investidores. Desse modo, ao expor suas necessidades, a mulher negocia condições, prazos e formas de pagamento, além de oportunidade de fechamento de parcerias com bons fornecedores para ter, em seu empreendimento, produtos e marcas que atraiam novos clientes e mantenham os que já são fidelizados, acarretando na diminuição da dependência financeira que ela possa ter de familiares. Sobre esse assunto, Carreira *et. al.* (2015) afirmam que esse apoio do capital familiar pode gerar dependência em relação aos maridos e familiares, causando estresse pela cobrança interior e exterior de que o negócio precisa dar certo. Com isso, um empréstimo, quando realizado de forma planejada, pode ser a alavanca que o empreendimento precisa para crescer, assim como a captação de

novos investidores, fornecedores e clientes. Para isso, basta, de acordo com Goleman (2011), que a mulher tenha calma para manter sintonia com o outro, saiba expressar as suas emoções e mude a sua postura no momento oportuno e planejado.

Portanto, o gerenciamento das relações, assim como as demais habilidades da IE, torna-se enriquecedora para as empreendedoras, pois a expressão de sentimentos e a modelagem para o convívio com o outro possibilita o alcance de objetivos e a resolução de dificuldades. Foi possível ao decorrer da pesquisa constatar que uma empreendedora é capaz de lidar com as dificuldades apresentadas na Tabela 1 ao relacioná-las como no exposto da Figura 2 com as capacidades da IE exibidas no Quadro 3, assim comprovando que um emocional equilibrado pode proporcionar autoconsciência para empreender, bom gerenciamento das relações e empoderamento feminino.

**Figura 2** – União das habilidades da IE dificuldades do empreendedorismo feminino.



Fonte: dados da pesquisa, 2022.

Conforme percebido na Figura 2, é possível haver a ligação das dificuldades da jornada empreendedora feminina com a IE e suas habilidades, contornando-se o gerenciamento do tempo e a realização dos seus afazeres, o gerenciamento do trabalho e da família, assim como os estigmas sociais por ser mulher e os obstáculos para a captação de recursos financeiros ao ser autoconsciente em suas ações, possuindo o controle de suas emoções, automotivação para alcançar seus objetivos. Além de tudo isso, ela pode ser mais capaz de agir com empatia ao lidar com o outro, sendo possível gerenciar mais adequadamente os seus relacionamentos.

## 6 CONCLUSÃO

Buscando compreender de que maneira a inteligência emocional contribui para o empreendedorismo feminino, fez-se

necessário apresentar o seu contexto, as suas dificuldades, além das habilidades que constroem a inteligência emocional e a correlação desses dois objetos de pesquisa, para, diante disso, este estudo comprovar a sua hipótese. Fato esse que ocorreu.

As mulheres, ao adotarem a IE em suas vidas, podem desfrutar de uma maior capacidade de gerenciamento das suas emoções, não agir por impulso, entender seus valores e refletir sobre como se sentem. Da mesma forma, conseguem manter uma boa relação com o próximo, o que lhes proporciona benefícios financeiros, familiares e sociais, além de conhecimento e experiência, tendo assim habilidades necessárias para o enfrentamento de dificuldades como desequilíbrio do trabalho e da família, lidar com estereótipos sociais, captação de recursos financeiros e tempo para a realização de afazeres. Todos esses empecilhos podem ser superados por meio de um bom equilíbrio entre o trabalho e a família, da autoconfiança para lidar com tudo isso, do melhor gerenciamento do seu tempo para obtenção de

bem-estar e do alcance de fomento necessário para alavancar seus negócios.

Ressalta-se que não foi possível a realização de um estudo de campo devido à inviabilidade temporal, já que um estudo com seres humanos deve aguardar um longo período para a liberação junto ao Comitê de Ética, dificultando um estudo nesse modelo. Apesar dessa impossibilidade momentânea, destaca-se a necessidade de pesquisas científicas de campo que englobem a temática do empreendedorismo feminino e da IE. Portanto, para pesquisas futuras, deixa-se a sugestão de um estudo com objetivos semelhantes ao desenvolvido aqui, mas que utilize uma metodologia de estudo de campo.

Este estudo torna-se útil para a mulher que busca empreender, independentemente se por necessidade ou por oportunidade, assim como para aquela que já está empreendendo. Do mesmo modo, a sociedade beneficia-se pela correlação abordada no estudo, que agrega valor à figura da mulher e às dificuldades que a cercam e, igualmente, à ciência, com a produção de estudos que posteriormente possam servir de base para outros.

## REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO, Barbara Resende. **Os fatores relevantes do sucesso individual de mulheres empreendedoras do estado de Minas Gerais - Brasil**. 2018. Dissertação (Mestrado em Marketing) - Universidade de Coimbra, 2018.
- ABRANTES, Diego Saimon. A Inteligência Emocional: Prevenção de psicopatologias do trabalho. p. 130-144, COSTA, Robson Antonio Tavares; SILVA, Alandey Severo Leite da; BARBOSA, Estélio Silva (org.). **Estudos avançados em Administração**, v. 3. Brasília: Enterprising, 2022.
- ACOSTA-PRADO, Julio César; TORRES, Zarate Rodrigo Arturo; TORRES, Pautt Geli Mercedes. **Characterization of emotional intelligence in Colombian managers**. Universitas Psychologica, v. 14, n. 3, p. 815-832, 2015.
- ALPERSTEDT, Graziela Dias; FERREIRA, Juliane Borges; SERAFIM, Maurício Custódio. Empreendedorismo feminino: dificuldades relatadas em histórias de vida. **Revista de Ciências da Administração**, v. 16, n. 40, p. 221-234, 2014.
- ALVES, Viviane Aparecida *et. al.* Empreendedorismo feminino: uma análise do perfil de mulheres proprietárias de pequenas e médias empresas. **Observatório de Economia Latinoamericana**, n. 225, 2016.
- AMORIM, Rosane Oliveira; BATISTA, Luiz Eduardo. **Empreendedorismo feminino: razão do empreendimento**. Núcleo de Pesquisa da FINAN, v. 3, n. 3, p. 1-13, 2012.
- ASSUNÇÃO, Jeanete Carla; ANJOS, Mayara Abadia Delfino. Empreendedorismo feminino: um estudo no estado de Minas Gerais. **Revista GeTeC**, v. 7, n. 16, 2018.
- BARBOSA, Felipe Carvalhal *et. al.* Empreendedorismo feminino e estilo de gestão feminina: Estudo de casos múltiplos com empreendedoras na cidade de Aracaju-Sergipe. **Revista da Micro e Pequena empresa**, v. 5, n. 2, p. 124-141, 2011.
- BARBOSA, Hávila Maria Abreu *et. al.* Gerenciando o conflito trabalho-família no empreendedorismo feminino: evidências de um estudo com microempreendedoras individuais. **Revista de Gestão e Secretariado**, v. 12, n. 2, p. 94-121, 2021.
- BARBOSA, Sheila Mara Costa; DURANTE, Daniela Giareta. Secretariado executivo e empreendedorismo: Realidade ou Utopia? **Revista de Gestão e Secretariado**, v. 4, n. 1, p. 56-74, 2013.
- BIANCONI, Giuliana *et. al.* **Sem parar: o trabalho e a vida das mulheres na pandemia**. São Paulo: Gênero e Número, 2020.
- BRANCALIONE, Danise; WERLANG, Nathalia Berger. Empreendedorismo feminino: uma análise das competências intraempreendedoras de gestoras de cooperativas catarinenses. **Ágora: revista de divulgação científica**, v. 20, n. 2, p. 43-63, 2015.
- BUENO, José Maurício Haas; PRIMI, Ricardo. Inteligência emocional: um estudo de validade sobre a capacidade de perceber emoções. **Psicologia: reflexão e crítica**, v. 16, p. 279-291, 2003.
- CARREIRA, S. S., FRANZONI, A. B., ESPER, A. J. F., PACHECO, D. C., GRAMKOW, F. B. e CARREIRA, M. F. (2015) "Empreendedorismo feminino: um estudo fenomenológico". **NAVUS - Revista de Gestão e Tecnologia**. v. 5, n. 2, 6-13.
- CARVALHO, Grishna Polyanna Machado de. **Características e desafios do empreendedorismo feminino**. 2018. Monografia (Bacharelado em Administração) - Universidade Federal Rural do Semiárido, Mossoró – RN, 2018.
- CASALLI, Daniel Alves *et. al.* Inteligência Emocional: Análise comparativa das estratégias dos líderes de duas organizações privadas no município de Guarulhos no ramo automotivo. **Revista ENIAC pesquisa**, v. 11, n. 1, p. 47-58, 2022.
- FENELON, Beatriz Carvalho. **Mulheres empreendedoras no mercado de trabalho: dificuldades e motivações**. 2020. Monografia (Bacharelado em Administração) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiás, 2020.
- FERREIRA, Jane Mendes; NOGUEIRA, Eloy Eros Silva. Mulheres e suas histórias: razão, sensibilidade e subjetividade no empreendedorismo feminino. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 17, p. 398-417, 2013.

FRANCO, Michele Maria Silva. Empreendedorismo feminino: Características empreendedoras das mulheres na gestão das micro e pequenas empresas. **VIII Encontro de Estudos em Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas - EGEPE**, 2014.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2017.

GLOBAL ENTREPRENEURSHIP MONITOR. **Women's Entrepreneurship Report: Thriving through Crisis**. Disponível em: <https://www.gemconsortium.org/reports/womens-entrepreneurship>. Acesso em: 14 out. 2022.

GOLEMAN, Daniel. **Trabalhando com a inteligência emocional**. Objetiva, 1999.

GOLEMAN, Daniel. **Inteligência Emocional: a teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente**. 2 ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

GOLEMAN, Daniel. **O cérebro e a inteligência emocional: novas perspectivas**. Objetiva, 2012.

GOLEMAN, Daniel. **Liderança: a inteligência emocional na formação do líder de sucesso**. Objetiva, 2015.

GOLEMAN, Daniel; BOYATZIS, Richard; MCKEE, Annie. **O poder da inteligência emocional**. Rio de Janeiro: Campus, 2018.

GOMES, Almiralva Ferraz *et. al.* Empreendedorismo feminino como sujeito de pesquisa. **Revista Brasileira de Gestão de Negócios**, v. 16, p. 319-342, 2014.

GONZAGA, Alessandra Rodrigues; MONTEIRO, Janine Kieling. Inteligência emocional no Brasil: um panorama da pesquisa científica. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 27, p. 225-232, 2011.

GOTARDO, Rayane Bazoni; CORCETTI, Elisabete. Empreendedorismo feminino: estudo das mulheres empreendedoras da cidade de Guarapari-ES. **ENCONTRO DE ESTUDOS SOBRE EMPREENDEDORISMO E GESTÃO DE PEQUENAS EMPRESAS**, v. 8, p. 16, 2014.

JONATHAN, Eva G. Empreendedorismo feminino no setor tecnológico brasileiro: dificuldades e tendências. **Encontro de Gestão Estratégica de Pequenas Empresas**, v. 3, p. 41-53, 2003.

JONATHAN, Eva G. Mulheres empreendedoras: o desafio da escolha do empreendedorismo e o exercício do poder. **Psicologia Clínica**, v. 23, p. 65-85, 2011.

JONATHAN, Eva G.; SILVA, Taissa MR. Empreendedorismo feminino: tecendo a trama de demandas conflitantes. **Psicologia & Sociedade**, v. 19, p. 77-84, 2007.

KALAKI, Rayanne Rodrigues. **A inteligência emocional no empreendedorismo feminino em tempos de pandemia**. 2021.

Trabalho de Conclusão de Curso (Tecnólogo em Gestão de Recursos Humanos) – Faculdade de Tecnologia de São Carlos, São Carlos, 2021.

LAGES, Sônia Regina Corrêa. Desafios do empreendedorismo feminino: uma reflexão sobre as dificuldades das mulheres pobres na condução de projetos geradores de renda. **Revista Estação Científica**, Juiz de Fora, 2005.

MAIA, Marcel Maggion. Trabalho emocional e significados do feminino no empreendedorismo contemporâneo. **Cadernos Pagu**, 2022.

MARTINEZ, E.P.C. **O coaching e a inteligência emocional do trabalhador**. 2018. Monografia (Bacharelado em Secretariado Executivo) – Universidade Federal do Amapá, Macapá, 2018.

MARTINS, Cibele Barsalini *et. al.* Empreendedorismo feminino: características e perfil de gestão em pequenas e médias empresas. **Revista de Administração da Universidade Federal de Santa Maria**, v. 3, n. 2, p. 288-302, 2010.

NETO, Francisco Sergio Almeida; SIQUEIRA, Elisabete Stradiotto; BINOTTO, Erlaine. Empreendedorismo feminino: o caso do setor salineiro–Mossoró/RN. **Revista de Administração Unimep**, v. 9, n. 2, p. 153-175, 2011.

NUNES-VALENTE, Maria; MONTEIRO, Ana Paula. Inteligência emocional em contexto escolar. **Revista Eletrônica de Educação e Psicologia**, v. 7, n. 1-11, 2016.

OLIVEIRA, Kércia Rosario Fiuza; GONÇALVES, Elisângela; SILVA, Paula Barreto. LINGUAGEM, EMPODERAMENTO E EMPREENDEDORISMO FEMININO. **Colóquio do Museu Pedagógico**, v. 13, n. 1, p. 1508-1512, 2019.

PÔRTO, Marília Gomes; TARTAROTTI, Lucas; DA COSTA

BAGATTINI, Leonardo. Inteligência emocional e o perfil de líderes de uma cidade na serra gaúcha. Saber Humano: **Revista Científica da Faculdade Antônio Meneghetti**, v. 10, n. 16, 2020.

QUEROZ, Nelma Caires; NERI, Anita Liberalesso. Bem-estar psicológico e inteligência emocional entre homens e mulheres na meia-idade e na velhice. **Psicologia: reflexão e crítica**, v. 18, p. 292-299, 2005.

REGO, Arménio; FERNANDES, Cláudia. Inteligência emocional: Contributos adicionais para a validação de um instrumento de medida. **Psicologia**, v. 19, n. 1/2, p. 139-167, 2005.

RIBEIRO, L. *et. al.* Empreendedorismo e Inteligência Emocional: uma parceria de sucesso. In: **VI Congresso Nacional de Excelência em Gestão** p. 1-19, 2010.

ROBBINS, Anthony. **Desperte o gigante interior**. Rio de Janeiro: Record, 1993.

ROBBINS, Anthony; BRAZIL, Muriel Alves. **Poder sem limites**. Best Seller, 1987.

ROCHA, Jane Barbosa *et. al.* Percepção de sucesso na carreira da mulher executiva brasileira. **Revista de Administração da UNIMEP**, v. 12, n. 3, p. 47-72, 2014.

RODRIGUES, Ariele Silva Moreira *et. al.* Fatores Críticos Relacionados ao Empreendedorismo Feminino. **Espacio abierto: cuaderno venezolano de sociología**, v. 30, n. 1, p. 75-96, 2021.

ROQUE, Francisco *et. al.* **Inteligência emocional**. 2006.

ROSA, Samanda Silva; ORELLANA, Vívian dos Santos Queiroz; MENEZES, Gabrielito Rauter. Determinantes do Empreendedorismo Feminino no Brasil e Regiões. **Revista Brasileira de Estudos Regionais e Urbanos**, v. 14, n. 4, p. 690-713, 2020.

SANCHES, Fernanda Cristina *et. al.* Empreendedorismo feminino: um estudo sobre sua representatividade no município de Toledo-Paraná. **Revista de Gestão e Secretariado**, v. 4, n. 2, p. 134-150, 2013.

SANTOS, Flávia Oliveira *et. al.* Empreendedorismo Feminino Sob a Perspectiva da Estratégia como Prática e Teoria Institucional. **Future Studies Research Journal: Trends and Strategies**, v. 12, n. 3, p. 511-527, 2020.

SANTOS, Evellen Santos Antunes; ODERICH, Cecilia Oderich Leão. Gestão do tempo: estudo de mulheres empreendedoras. **Revista Gestão e Organizações**, v. 6, n. 4, 2021.

SEBRAE – Serviço Brasileiro de apoio às Micro e Pequenas empresas. **Empreendedorismo no Brasil, Global Entrepreneurship Monitor, 2018**. Disponível em: <https://materiais.cer.sebrae.com.br/relatorio-executivo-gem-2018>. Acesso em: 13 out. 2022.

SEBRAE – Serviço Brasileiro de apoio às Micro e Pequenas empresas. **Empreendedorismo feminino no Brasil**, SEBRAE, 2019. Disponível em: [https://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/UFs/GO/Sebrae%20de%20a%20Z/Empreendedorismo%20Feminino%20no%20Brasil%202019\\_v5.pdf](https://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/UFs/GO/Sebrae%20de%20a%20Z/Empreendedorismo%20Feminino%20no%20Brasil%202019_v5.pdf). Acesso em: 10 out. 2022.

SEBRAE – Serviço Brasileiro de apoio às Micro e Pequenas empresas. **Os desafios do Empreendedorismo feminino, SEBRAE, 2022**. Disponível em: <https://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/ufs/pb/artigos/os-desafios-do-empreendedorismo-feminino,138d7f773bffa610VgnVCM1000004c00210aRCRD>. Acesso em: 5 out. 2022.

SILVA, Pablo Marlon Medeiros *et. al.* A resiliência no empreendedorismo feminino. **Gestão e Sociedade**, v. 13, n. 34, 2019.

SILVA, Brenda Cruz da *et. al.* **Empreendedorismo feminino: Uma Análise das Mulheres Microempreendedoras Individuais do Município de Tabatinga-AM**. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Administração) – Universidade Federal do Amazonas, Benjamin Constant, 2021.

SILVA, Mariana Santos; LASSO, Sarah Venturim; MAINARDES, Emerson Wagner. Características do empreendedorismo feminino no Brasil. **Revista Gestão e Desenvolvimento**, v. 13, n. 2, p. 150-167, 2016.

SILVEIRA, Amélia; DE GOUVÊA, Anna Beatriz Cautela Tvrzka. Empreendedorismo feminino: mulheres gerentes de empresas. **Revista de Administração FACES Journal**, 2008.

SOARES, Marina Muniz do Couto. **O empreendedorismo feminino e o empoderamento como impulsores no desenvolvimento socioeconômico do Agreste Pernambucano**. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso. (Bacharelado em Administração) – Universidade Federal de Pernambuco, Caruaru, 2019.

SOUZA, Cristiane Gomes de. A mulher de negócios no discurso do trabalho feminino. **Revista Katálysis**, v. 23, p. 700-706, 2020.

STROBINO, Márcia Regina de Campos; TEIXEIRA, Rivanda Meira. Empreendedorismo feminino e o conflito trabalho-família: estudo de multicasos no setor de comércio de material de construção da cidade de Curitiba. **Revista de Administração (São Paulo)**, v. 49, p. 59-76, 2014.

TEIXEIRA, Cristiane Martins *et. al.* Empreendedorismo Feminino. **Revista Livre de Sustentabilidade e Empreendedorismo**, v. 6, n. 3, p. 151-171, 2021.

TEIXEIRA, Rivanda Meira; BOMFIM, Lea Cristina Silva. Empreendedorismo feminino e os desafios enfrentados pelas empreendedoras para conciliar os conflitos trabalho e família: estudo de casos múltiplos em agências de viagens. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, v. 10, p. 44-64, 2016.

TEIXEIRA, M. O.; FARIA, N. **Empoderamento econômico das mulheres no Brasil pela valorização do trabalho doméstico e do cuidado**. 2018.

VALE, Gláucia Maria Vasconcellos; SERAFIM, Ana Carolina Ferreira; TEODÓSIO, Armindo dos Santos de Sousa. Gênero, imersão e empreendedorismo: sexo frágil, laços fortes? **Revista de Administração Contemporânea**, v. 15, p. 631-649, 2011.

VIEIRA, Diego Mota; VIEIRA, Mariana Borges Nunes; ENES, Yuri Odagui. Empreendedorismo feminino. **REMIPE - Revista de Micro e Pequenas Empresas e Empreendedorismo da Fatec Osasco**, v. 8, n. 2, p. 263-282, 2022.

WOYCIEKOSKI, Carla; HUTZ, Claudio Simon. Inteligência emocional: teoria, pesquisa, medida, aplicações e controvérsias. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 22, p. 1-11, 2009.

YUSTE, Aguillar Manuel. Liderança e inteligência emocional durante uma crise. **Revista De Relaciones Internacionales, Estrategia Y Seguridad**, v. 16, n. 2, p. 47-60, 2021.